

**PROJETO DE LEI Nº , DE 2020**

(Da Comissão de Cultura)

Inscribe o nome de Dulcina de Moraes no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica inscrito o nome de Dulcina de Moraes, atriz e diretora de teatro, no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, que se encontra no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, localizado na Praça dos Três Poderes, em Brasília.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

**JUSTIFICAÇÃO**

Nascida em Valença, no Estado do Rio de Janeiro, em 3 de fevereiro de 1908, durante uma turnê de seus pais, e falecida em Brasília, Distrito Federal, em 27 de agosto de 1996, a atriz, diretora, produtora e professora Dulcina de Moraes iniciou sua trajetória no meio teatral aos três meses de idade, quando estreou nos palcos no lugar de uma boneca que ocupava um berço utilizado na peça.

Filha e neta de atores, Dulcina estreou, aos 15 anos, o espetáculo "Travessuras de Berta" pela companhia Brasileira de Comédia no Teatro Trianon. E, 1925, aos 17 anos, foi contratada pela companhia Leopoldo Fróes, uma das mais importantes da época, como Jeannine, papel principal de "Lua Cheia", de André Birabeau, representada no Teatro Carlos Gomes, sendo aclamada como grande promessa das artes cênicas.

Em 1935, já atriz consagrada e casada com o também ator e empresário Odilon Azevedo, Dulcina de Moraes criou a Companhia Dulcina-Odilon de teatro, cujo sucesso obtido ao longo dos anos foi em muito creditado ao brilhante desempenho artístico e carisma da atriz. A Cia. Dulcina-Odilon foi uma das mais profícuas companhias teatrais brasileiras, encenando textos de importantes dramaturgos brasileiros e internacionais como Oduvaldo Vianna, García Lorca, Viriato Correia, Bernard Shaw, entre outros.

Ao longo de sua carreira, Dulcina de Moraes privilegiou a montagem de comédias francesas (teatro de *boulevard*), primando por repertórios com cuidadosas produções, figurinos impecáveis e com a participação dos nomes mais importantes da cenografia de então. Ao lado do marido, atuou nos palcos brasileiros por quase quatro décadas.

O auge de seu sucesso veio em 1945 com a peça “Chuva”, adaptação de uma novela de Somerset Maugham, encenada no Teatro Municipal, dirigida e protagonizada por ela, vivendo a personagem “Sadie Thompson”. A peça permaneceu em cartaz por anos seguidos em todo o país, na América Latina e em Portugal, deixando uma legião de admiradores, entre eles, muitas queridas estrelas como Marília Pêra, Bibi Ferreira, Fernanda Montenegro e Nicette Bruno (esta, inclusive, lançada por Dulcina).

Em 1955, criou a Fundação Brasileira de Teatro (FTB), no Rio de Janeiro, projeto ao qual dedicou-se de corpo e alma, deixando um pouco de lado sua gloriosa trajetória de atriz para voltar sua atenção e seu patrimônio à educação e organização da categoria teatral. Mantidas pela FTB, foram inauguradas a Academia Brasileira de Teatro (que mais tarde se transformará na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes em Brasília) e a Associação Brasileira de Teatro (projeto que, infelizmente, não vigorou), unindo todos os artistas do país na articulação de suas lutas e produções artísticas. Grandes nomes das artes no país assinam como sócios fundadores da FTB, como Adolfo Celi, Antonio Callado, Bibi Ferreira, Cacilda Becker, Henriette Morineau, Maria Clara Machado, Paulo Autran, Pedro Bloch, Tônia Carreiro e tantos outros. A FTB funcionou por treze anos seguidos no Rio de Janeiro, formando alguns dos mais importantes atores, diretores, cenógrafos e críticos do teatro Brasileiro tais como: Rubens Corrêa, Ivan de Albuquerque, Yan Michalski, Cláudio Corrêa e Castro, João das Neves, Françoise Fourton, Irene Ravache.

Após a morte do marido e companheiro de palco, em 1966, Dulcina foi incentivada por personalidades como Darcy Ribeiro e Dona Sarah Kubitscheck a transferir sua fundação para Brasília. A atriz, então, desfaz-se de seus bens no Rio de Janeiro e doa todo seu dinheiro para a construção do edifício que até hoje abriga a FBT e as principais instituições por ela mantidas: a Faculdade de Artes Dulcina de Moraes e o Teatro Dulcina, no Setor de Diversões Sul, centro de Brasília, inaugurado em 21 de abril de 1980.

Dulcina mudou-se para Brasília em 1972. Nos anos seguintes, não atuou como atriz, dedicando-se integralmente à transferência da FBT para a capital federal e à inauguração do Teatro Dulcina. Em 1981, voltou aos palcos na peça de Sérgio Viotti “O Melhor dos Pecados”, com direção de Bibi Ferreira. Em sinal de reconhecimento por sua arte, recebeu o Prêmio Molière Especial em 1982.

Dez anos após sua chegada em Brasília, em 1982, cria a Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, evolução direta da Academia Brasileira de Teatro e prolongamento da FBT. A partir de então, Dulcina de Moraes dedicou-se exclusivamente à formação de artistas e técnicos de teatro e artes visuais, dando aulas de teatro na faculdade. Em 1990, a FBT chegou a estar à beira da falência, mas amigos da atriz organizaram a campanha "Viva Dulcina!", cuja renda salvou a fundação.

A atriz residia sozinha na Asa Sul, em Brasília, num apartamento que recebeu do Presidente Emílio Garrastazu Médici e raramente falava com a imprensa. Em agosto de 1996, foi internada no Hospital Regional da Asa Norte para tratar uma diverticulite, não resistindo à doença. Dulcina de Moraes faleceu em 27 de agosto de 1996, aos 88 anos, sendo sepultada no Cemitério Campo da Esperança, em Brasília.

A FBT, que abriga a Faculdade, o Teatro Dulcina, o Teatro Conchita de Moraes, uma galeria de artes e o acervo tombado pelo patrimônio do governo do Distrito Federal de figurinos, fotos, manuscritos e objetos da atriz Dulcina com mais de mil itens, permanece ativa após a morte de Dulcina. Apesar das muitas dificuldades administrativas e financeiras, a Faculdade continua sendo referência na formação de professores de artes para a rede pública do Distrito Federal e o palco do Teatro Dulcina é considerado uma das melhores estruturas edificadas para grandes espetáculos em Brasília.

Dulcina de Moraes dedicou a vida à profissionalização da categoria artística do teatro, lutando pelos direitos e pela dignidade dos profissionais que nela atuam. Em reconhecimento a essa mulher admirável, a seu legado de respeito, profissionalismo, perseverança, cultura, delicadeza e amor pelo teatro e aos serviços prestados por essa grande atriz à Nação brasileira, sugerimos a inscrição de seu nome no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, no que contamos com o valoroso apoio dos nobres Pares à realização desta justa homenagem.

Sala das Sessões, em        de        de 2020.

Deputada BENEDITA DA SILVA  
Presidenta da Comissão de Cultura